

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 15 de dezembro de 2010**

*Texto de referência: L. Giussani, É Possível Viver Assim?, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo  
2008, pp. 327-347*

- *La Traccia*
- *Give me Jesus*

**Carrón:** Continuemos o nosso trabalho sobre o texto: por que o sacrifício se torna interessante?

**Colocação:** *Meu filho, que está no colegial, nos últimos meses esteve envolvido com as eleições estudantis. Desde o início, a sua decisão impetuosa de se candidatar me surpreendeu porque, como temperamento, é alguém que tendencialmente não toma a frente. Portanto, este é um sacrifício que lhe era pedido. Na manhã em que a lista de candidatos foi apresentada, toda a comunidade decidiu fazer um gesto bonito, preparando um café da manhã para toda a escola, mas no meio da festa foi aberta atrás dos meninos uma faixa preparada pelos alunos socialistas onde estava escrito: “O povo tem fome, CL responde: peguem seus brioques”. Logo começa um clima de reclamação, de ataque, dizendo que eles eram corruptores, que com aqueles brioques... Meu filho voltou para casa e me contou o que tinha acontecido e eu vi que ele estava sereno e fiquei intrigada com isso, porque foi uma derrota. Segundo dia: precisavam participar de assembleias com toda a escola, duas assembleias de quatro horas cada, e também aí me surpreendeu o fato de que ao enfrentarem todos os estudantes, foram sustentados pela frase que tinham lido de manhã nas Laudes: “Pensem atentamente naquele que suportou uma grande hostilidade dos pecadores para que não se cansem e desanimem. Então, quando ele citou esta frase e disse que não tinha desanimado (porque, não é que a assembleia tinha corrido bem. Todos estavam contra ele), percebi que sempre interpretei o sacrifício como o preço que devo pagar para obter alguma coisa. Porém, me parecia que naquela experiência meu filho não esperava que algo acontecesse, ele já estava realizado, ali, enfrentando aquela aventura. Tanto é verdade, que ele não foi eleito e, na manhã seguinte à derrota, quando chegou na escola seus colegas o desafiaram de novo dizendo: “E agora, o que fica de tudo o que você ia fazer?”. “Antes de mais nada, um colega meu foi eleito, então eu o ajudarei. Depois, vou fazer aquilo que tiver para fazer”. E também aqui, com surpresa, disse a mim mesma: pareceria uma derrota, mas ele está contente. Conto uma última coisa. Há quinze dias eu o vi lendo à noite o livro Comunhão e Libertação, as Origens (1954-1968). Então eu disse: “Por que você está lendo esse livro?”, e ele me respondeu: “Porque, mãe, estou ouvindo tantas objeções, que preciso entender a história da qual faço parte”. Este fato me desarmou, porque eu faço exatamente o contrário: até agora me saí bem, fiz sacrifícios e quase me iludi de que os resultados obtidos são porque Jesus reconheceu que fiz muitos sacrifícios e que sou boa. E quando acontecem os insucessos? Muitas vezes fico com um amargo na boca ou me irrita com quem não reconhece aquilo que eu fiz. Este exemplo de meu filho, que mesmo no insucesso quis descobrir a origem da sua história, é o contrário daquilo que acontece comigo que, quando sou colocada à prova, questiono a experiência na qual estou: “Será verdade?”.*

**Carrón:** Este é um exemplo de como lutar contra a mentira e não permanecer na superfície das coisas faz com que se torne interessante aquilo que fazemos. E começamos a nos envolver com a realidade de uma maneira que impressiona até a própria mãe e os próprios amigos. O seu filho vê, pode tocar com a mão, até que ponto viver a realidade sem sucumbir à mentira a torna diferente, interessante para o próprio crescimento. Tanto é verdade que a partir desta experiência, a própria

pessoa se percebe mais e pode retomar a vida com um *plus* de humanidade, de experiência humana e, por isso, de consciência, tanto é verdade que quer conhecer melhor as origens da história.

**Colocação:** *Vi Manuela Camagni fazer sacrifícios durante toda a sua vida. Quando voltei a Cesena, depois de ter feito universidade em Bologna, Manuela acompanhava um grupo um pouco diferente – digamos – de jovens trabalhadores, de pessoas que tinham estudado até ginásio, alguns camponeses, um grupo muito singular e, com paixão, de certa maneira os educou. Foi nesse grupo que conheci minha esposa, e Manuela foi minha madrinha de casamento. E me testemunhou muitas outras coisas. Ela trabalhava em uma escola estadual e deixou o emprego fixo para ser secretária de uma escola administrada por amigos do Movimento. Depois, ela deu a disponibilidade para ir em missão porque amava o Brasil, mas foi enviada para a Tunísia e com grande paixão, realmente com alegria, aprendeu francês e foi trabalhar como secretária em uma clínica, uma coisa muito diferente do que fazia. Depois, todos já sabemos ao que foi chamada pelo Papa. Quero ler uma carta que Manuela enviou ao Banco de Solidariedade de Cesena: “Caros amigos, eu realmente fico triste em não poder estar com vocês na inauguração do Banco de Solidariedade que tem o nome de Flora (sua irmã). Então, pensei em participar através destas poucas linhas e, sobretudo, através da oração por cada um de vocês. Este comovente evento me fez lembrar uma frase de Santa Terezinha do Menino Jesus, que diz: “Quando sou caridosa, é Jesus que age em mim”. Pensando em Flora e em sua disponibilidade para trabalhar no Banco durante todos esses anos, percebi que este pensamento de Santa Terezinha é muito verdadeiro, porque se tudo dependesse apenas de nós, cedo ou tarde nos cansaríamos, enquanto ela nunca se cansou, nem mesmo nos momentos mais difíceis ou mais dolorosos de sua vida. O Banco estava sempre presente em seu coração e em sua mente, mesmo quando concretamente não podia mais fazer nada [esteve gravemente doente durante anos]. Com o tempo, vi crescer em Flora uma abertura e uma disponibilidade que não se devia apenas ao fato de preparar uma cesta básica para uma pessoa necessitada, mas era tendencialmente o desejo de compartilhar a vida e, portanto, um relacionamento de amizade, uma ligação que ia além da cesta básica e que mostrava muitas de suas capacidades pessoais. De onde vinha isso se não da abertura a Jesus, que agia nela? Eu também vi essa abertura à ação de Jesus, misteriosa mas real, na maneira com a qual enfrentou o sofrimento, primeiro por causa de sua doença, depois, pela morte de Sergio [seu marido] e, por fim, por sua própria morte. E acho que a experiência do Banco não foi estranha a essa sua posição humana. Assim, desejo a cada um de vocês, particularmente a quem vive diretamente a experiência do Banco de Solidariedade, que possam agir com a consciência de Santa Terezinha, quer dizer, reconhecer na nossa ação Jesus que age em nós e também através do testemunho que Flora, discreta mas concretamente, nos deixou”. Minha primeira reação a isto é uma gratidão porque há um Movimento e porque, por graça, eu estou com vocês. Antes da pergunta que gostaria de fazer, quero ler também esta breve carta: “Tudo aquilo que acontece é realmente a realidade do Mistério que se mostra e nos persuade cada vez mais a estar na Sua companhia através da qual podemos compreender o grande desígnio do nosso destino e do destino do mundo. Não há, no mundo, razões mais adequadas para viver, e isto abre uma nova perspectiva àquilo que já estou vivendo, aprofundando tudo, aliás, imergindo ainda mais o humano dentro do divino. Porque este é o nosso destino: imergir a nossa humanidade nesta divindade. E entendo que essa imersão é pertencer, entregando-me ao nosso carisma através da nossa vocação. Desse modo, a minha humanidade é carregada para dentro da humanidade do próprio Cristo”. Quem estava no funeral percebeu a grande unidade da Igreja quando um filho obediente se sacrifica até o fim. Estávamos todos muito tristes, mas gratos por essa pessoa que o Senhor nos doou, não estávamos desesperados. E, agora, a minha pergunta: no final da cerimônia fomos lhe cumprimentar, e eu queria entender porque você tinha um sorriso tão radiante.*

**Carrón:** *Pela mesma razão pela qual um dia antes de morrer, como disse na homilia, ela estava radiante. E quem a tornava radiante? Esse seu brilho seria inexplicável, a não ser por causa daquilo*

que você disse agora. É muito evidente que este florescimento da sua pessoa até torná-la radiante não está nas mãos do homem. Nós tocamos com as mãos a Sua vitória, vendo-a nela. Eu, que via esse brilho quando ia visitá-la, tinha absolutamente certeza de que Aquele que a tinha tornado radiante era Aquele que vencia também na morte. Por isso, foi fácil fazer a homilia, porque se vivemos – diz São Paulo – vivemos para o Senhor e se morremos, morremos para o Senhor. Na vida e na morte somos do Senhor. Para nós, estas podem ser apenas palavras, podem ser apenas frases. Mas quando vemos Cristo vencer em uma pessoa, através do seu florescimento, vimos em ação uma Presença tão potente, que é impossível ao homem, e isso torna possível olhar a morte com essa Presença nos olhos. E não é possível eliminar isso nem mesmo olhando para o caixão. Por isso, podia olhar para o caixão, também eu radiante, porque Ele vencia na vida e na morte.

**Colocação:** *Desde que a Escola de Comunidade começou a chamar a atenção sobre o sacrifício, levanto todas as manhãs dizendo a mim mesmo por que vale a pena fazê-lo e fazendo memória de Cristo. Percebi que isso, paradoxalmente, é mais difícil do que não me levantar e fazer tudo sem pensar; me obriga, me leva a perceber minha necessidade de maneira imponente, uma necessidade que normalmente não quero sentir porque me incomoda e a quem está perto de mim. Depois de um tempo finalmente entendi porque é mais fácil para nós cerrar os dentes de maneira moralista. Fazer sacrifícios sem pensar neles é paradoxalmente menos pesado do que do que aceitar fazê-lo por Cristo, porque aceitar fazê-lo por Cristo significa abandonar-me a Ele. E este é o ponto: o medo de abandonar-se ao desígnio de um Outro, porque aceitar que a vida é Sua significa perder a ilusão de ter as rédeas nas mãos. Entendi, então, que a minha resistência ao sacrifício é uma fraqueza de fé, como se não acreditasse que me abandonando e deixando que a vida seja conduzida por Ele seja melhor do que quando decido por mim e a partir de minhas imagens (que, no fim, são as imagens estereotipadas ditadas pelo mundo). Entendi isso melhor lendo este trecho de Dom Gius: “A liberdade se encontra exatamente no jogo da dificuldade e da mortificação. Temos medo da dificuldade. Todo o mundo é assim, quanto mais temos medo dessa dificuldade, dessa mortificação, tanto mais somos peremptórios e deveristas quando pedimos aos outros que observem nossas palavras. A alternativa a esse ímpeto da liberdade ou dificuldade de mortificação é a imposição deverista a nós mesmos e aos outros, um esforço artificial para superar o medo”. Peço que você me ajude a entender como superar esse medo e essa resistência para que não seja um esforço artificial e moralista, mas que esteja dentro de um abandono.*

**Carrón:** No final, você disse que deseja superar esse medo e resistência não com o esforço artificial e moralista. O que isso quer dizer? Que, primeiro, nós reduzimos aquilo que somos e, então, a única coisa que resta é o esforço deverista. Mas é evidente que a pessoa resiste, que tem medo disso! A questão é que você e eu somos muito mais do que aquilo a que nos reduzimos. E se entendemos que o problema não é aquilo a que nos reduzimos, mas esse desejo sem fim que temos em nós, essa desproporção, a questão se torna como é possível viver sem o reconhecimento da presença de Cristo. Se entendemos que sem Ele tudo se torna realmente pesado, então começamos a vislumbrar que a verdadeira solução a essa nossa tentação de autonomia é nos abandonarmos, que nos abandonarmos é o que mais nos convém: não é preciso um esforço moralista, mas deixar-se abraçar por um Outro. E isso não é um problema de esforço, mas de liberdade, porque para nos deixarmos abraçar não precisamos de uma energia particular (que serviria para não sei que tipo de esforço): é preciso simplesmente ceder. A questão verdadeira é entender que isso nos convém, que isso não só não é um sacrifício, mas é muito mais a verdade de mim do que aquilo que eu consigo fazer.

**Colocação:** *Tenho um filho que nasceu de uma relação extraconjugal do passado. O amor que minha mulher me demonstrou durante todo o tempo em que fiquei fora de casa me fez voltar para ela tocado pela fé incondicional por Jesus que a sustentou. Porém, não quero me separar do meu filho. Diante da solicitação deste sacrifício, não sou capaz de fazê-lo nem com a ajuda dos amigos.*

**Carrón:** E por que não? O que isso faz você descobrir?

**Colocação:** *Que não consigo.*

**Carrón:** Nem junto com os amigos. Porque, aqui, chegamos no ponto verdadeiro da companhia.

**Colocação:** *Como se eu me desse conta de que me é pedido um martírio.*

**Carrón:** O problema não é que lhe seja pedido o martírio, o problema é ser capaz de fazer um sacrifício. E, então, de onde vem a energia para fazê-lo? É aqui, amigos, que tocamos com a mão a nossa incapacidade, aquilo que diz a Escola de Comunidade quando fala de tristeza e de pedido, que nem você é capaz de fazer aquilo que gostaria de fazer. E isso introduz o grito. Vamos ler juntos a página 345: “Depois de alguns meses de vida de GS, veio até mim aquele pai que tinha a filha no colégio Virgílio, um senhor muito distinto e, na entrada, começou a soluçar, dizendo: ‘Padre, me ajude, salve minha filha, porque não aguento mais; quando minha filha aperta minha mão – sua filha tinha 17 anos, estava morrendo de câncer – e me diz: ‘Papai, porque que não me cura?’, o meu coração explode, pois além de não saber responder eu preferiria não existir”. E eu devo lhe responder: ‘O Senhor sabe por que acontece isso, e é para um bem seu e de sua filha, porque isso corresponde ao desígnio de Deus’. Dessa forma, eu lhe imponho que aceite, afirme a presença de um Outro mais importante, mais decisivo do que o amor por sua filha, do que o desejo de salvá-la, do que a sua própria vida”. Se você diz que ama o seu filho, qual é o problema? Se amar não é apenas um sentimentalismo, mas é afirmar o outro para sempre, você não pode fazer isso com suas forças. E por isso a única possibilidade que você tem é afirmar o desígnio de um Outro que fará com que ele seja seu para sempre. Agora podem parecer apenas palavras, – eu entendo muito bem – não porque são abstratas, mas porque o nosso pensamento sobre a realidade é abstrato: você reduz o seu amor ao filho apenas a um sentimento, e o sentimento não consegue manter seu filho vivo para sempre. Por isso, se você quer amá-lo, se diz que o ama, deve aceitar, deve reconhecer um Outro, porque você não pode manter um instante a vida do filho, imagine para sempre... E isso introduz um fator na vida sem o qual nada se sustenta, em relação a você, sua mulher, e a tudo aquilo que você ama. Então, o que é abstrato em relação à concretude da vida? Nós somos abstratos, nós que vivemos na mentira! O sacrifício é lutar contra essa mentira. Ser amigos quer dizer conduzirmo-nos ao limiar do eterno para sair da mentira. Amar alguém é percorrer este caminho. Sem isso você não consegue amar, é mentira que você ama porque amar alguém não é, como muitas vezes pensamos, o retorno imediato desse amor, porque isso é apenas uma tentativa de posse. Por isso, o sacrifício é o ponto de confluência de muitas coisas. Vamos ler novamente na página 327, porque nos introduz realmente no núcleo da questão: “O sacrifício não é suspender a vontade de alguma coisa, mas deter a vontade que não é segundo a natureza da coisa. Por isso, todos os relacionamentos pré-matrimoniais são errados, todos; e impõem caminhos tortuosos que nunca mais se endireitam; e afirmam um egoísmo como critério último – ‘o que eu acho e que me agrada’ como critério último do relacionamento – que nunca mais se redime”. Não me interessa, agora, o detalhe do relacionamento pré-matrimonial, me interessam os relacionamentos verdadeiros. A questão é se querer bem a um outro tem a densidade do amar um outro, desejá-lo para sempre, desejar a felicidade do outro. E me diga se você pode fazer isso sozinho. Você deve se abrir a um Outro que agora pode lhe pedir um sacrifício. O exemplo que me parece mais perturbador, mais sintético disso, é quando seguramos um recém-nascido nos braços. Se você pudesse ver seu filho, este drama se multiplicaria ao infinito porque quando você está diante do seu bebê – e você o ama mais se for consciente de que não é capaz de carregar a plenitude daquilo que intui ser o desejo de felicidade – ou você se abre a um Outro ou, mesmo que lhe dê carinho de todas as maneiras, você não o ama!

**Colocação:** *É isso que eu não consigo aceitar. É como se me fosse tirada a possibilidade desse abraço...*

**Carrón:** Você pode fazer isso. O problema não é tanto se você pode abraçá-lo, o problema é que a ferida daquilo que estamos dizendo, não só não pode ser curada com um abraço, mas dessa forma fica muito maior. A questão é se você, eu e qualquer um, quando dizemos que amamos alguém, estamos disponíveis a isso ou não. Essa é a questão. Todo o resto são distrações do verdadeiro desafio. Depois, nesse caso particular, você pode se deter sobre isso e usar isso para não dar o outro

passo. São todas distrações. A verdadeira questão é se você ama aquele menino, mesmo tendo chegado ao mundo nessa circunstância. Diga-me: o que é viver esse relacionamento na mentira e o que é vivê-lo na verdade? Para vivê-lo na verdade você deve afirmar um Outro. Sem isto, eu não sei o que pensar do seu amor pelo menino, porque não é verdadeiro.

**Colocação:** *Conversando sobre o capítulo do sacrifício com alguns jovens e alguns adultos, uma coisa me impressionou: ninguém fala daquelas páginas onde Dom Giussani diz que a oferta do próprio sacrifício pode ser útil a uma mulher no Japão, etc. Quando eu levantava essa questão, aqueles que tinham uma certa idade recebiam a provocação com tranquilidade: “Conhecemos o catecismo, há a comunhão dos santos”. Já os jovens se rebelavam, me diziam: “Não entendemos isso, nossa, será que é assim mesmo? Se Dom Giussani diz que é assim, é assim”. Então, nos últimos meses participei do velório de Manuela e de outros, e uma coisa me tocou bastante: a dor que nasce quando alguém querido morre revela que a ideia que temos de nós como seres independentes que têm um relacionamento extrínseco não é verdadeira! Na verdade, estamos uns nos outros, quer dizer, as pessoas que eu amo, a quem estou ligado por fazerem parte da história da minha vida estão dentro de mim, e a morte quer dizer arrancar algo de mim, tanto que eu não posso nem mesmo dizer “eu” sem esses relacionamentos. Falei isso para dizer que não podemos entender as coisas abstratamente. Não é possível entender esse capítulo sobre o sacrifício de maneira abstrata porque, ou vira doutrina ou não entendemos e aceitamos de olhos fechados. Mas, se olhamos para a experiência... No Movimento é possível fazer experiência do que significa ser uma coisa só. Porém, se ficamos no abstrato, não entendemos nada.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *Dom Giussani diz: “O sacrifício é ir contra a mentira. Ir contra a mentira, fazer as coisas de uma forma verdadeira, leal, sincera, justa: este é o sacrifício”. Eu me dei conta de que a mentira vive, primeiramente, em mim. Há alguns dias aconteceu uma coisa. Tínhamos um paciente chinês que não falava nenhuma palavra de italiano e nossa comunicação com ele, tanto a nossa como a dos médicos, era feita através da filha, que fala italiano. Um dia ela veio visitá-lo no hospital e passou mal, desmaiou, teve uma crise convulsiva no quarto, etc. Eu e meu colega demos assistência a ela e a levamos ao Pronto Socorro. O pai assistiu a cena aterrorizado, ficou muito assustado e todos nós tentamos explicar o que estava acontecendo através de gestos, mas o resultado foi nulo. Então, lembrei que eu tinha uma amiga que sabe chinês que morava na Itália. Liguei para ela e disse: “Escuta, a situação é esta”, passei o telefone para este senhor e os dois conversaram um pouco. Depois disso ele voltou para seu quarto. Antes de ir embora fui até lá para me despedir dele. No dia seguinte, meu chefe veio falar comigo, muito sério, e disse: “Preciso falar com você, preciso perguntar uma coisa. Você precisa me explicar porque você se importa com um chinês”. Essa pergunta mexeu comigo, primeiro porque não sabia responder, segundo porque eu lhe disse: “Olha, para mim o episódio de ontem já tinha terminado ontem, voltei para casa tranquila, fora isso, a sua pergunta me deixa constrangida e, além do mais, no momento não sei responder, mas vejo que a sua pergunta é, para mim, a única possibilidade de não perder aquilo que vivi ontem”. O meu sacrifício, nesse caso, foi responder àquela pergunta indo até o fundo da minha atitude diante das dificuldades daquele homem, porque me dou conta de que 99,9% das vezes, eu me movo naturalmente, por uma instintividade e quando, ao contrário, me vejo diante de algo que entra na minha vida a ponto de tirar toda a superfície, toda a casca, chegando até o significado, entendo que é um sacrifício porque faz com que eu saia completamente de mim, mas ao mesmo tempo descubro quem eu sou, tanto que nestes últimos dias essa pergunta tem sido o motor do meu trabalho, porque me interessa responder a uma pergunta que é completamente aberta porque me dou conta de que a resposta não está encerrada para mim, e que mantê-la aberta é a única possibilidade de fazer com que entre na minha vida alguma coisa que não sou eu e que me*

*faz ser eu mesma (quer dizer, me faz descobrir algo além de mim). Preciso ir a fundo nas coisas, dizer a verdade das coisas, tanto que aquele episódio tornou-se parte de mim.*

**Carrón:** Acho que é importante aproveitar isto, porque alguém que lhe faz uma pergunta assim à queima-roupa, faz emergir toda a – como você disse – natureza e desmascara a mentira com a qual vivemos, nos faz entender que sem este sacrifício nós ficamos sempre na superfície das coisas, isto é, na mentira. Por isso, se não entendemos que sem o sacrifício perdemos o melhor, quem nos fará fazê-lo? Porque dizer que paramos no que é natural, isto é, na superfície, isto é, na mentira, quer dizer que não chegamos até o verdadeiro, até aquilo em que podemos encontrar uma correspondência verdadeira. E, por isso, eu me pergunto: quantos de vocês, nos relacionamentos que têm ou nos relacionamentos que vemos por aí, vivem realmente segundo a verdade do relacionamento? E quando digo “verdade” quero dizer toda a intensidade, toda a capacidade de plenitude, toda a possibilidade de preencher o eu que, de outro modo, não podemos sonhar. Na maioria das vezes nós vivemos a realidade superficialmente. E por isso não nos maravilhamos, as coisas não nos dizem nada, as situações não são interessantes, a maioria das coisas não são interessantes, – não sei que outra palavra usar – não são atraentes. Por quê? Por que elas não existem ou porque nós ficamos sempre na superfície por medo do sacrifício? Sem entender o nexa do sacrifício com a plenitude (e, por isso, com a possibilidade sempre a espreita de permanecer na aparência e na mentira, por causa do pecado original e da incapacidade que temos de viver segundo a verdade), perdemos o melhor. E quando, por graça, somos resgatados disso e levados a entrar na intimidade das coisas ou dos relacionamentos, vemos que havia muito mais do que aquilo que intuíamos. Sem isso, nós saímos da Escola de Comunidade sem mudar uma vírgula daquilo que pensamos sobre o sacrifício. Vamos para casa pensando que, no fundo, é uma enganação, uma dívida a ser paga, não a possibilidade de começar realmente a amar, isto é, a afirmar o outro por aquilo que é, a afirmar a verdade daquilo que existe. Porque é isso que incrementa a vida e os relacionamentos e os leva a uma intensidade que a maioria dos humanos não sabe nem mesmo que existe. Sem este incremento, a vida perde cada vez mais o interesse, porque quanto menos entramos no mérito das coisas tanto menos vemos a vitória de Cristo que carrega esta intensidade maravilhosa. Isso não se torna nosso – como diziam as duas últimas colocações – através de uma explicação. Digo isso na tentativa de nos encorajar a fazer experiência, porque somente quando fazemos experiência podemos verdadeiramente nos convencer de que nos convém. Se a leitura deste capítulo não foi ocasião para fazer a experiência disso, saímos deste capítulo como estávamos antes. Eu me pergunto: no fim do percurso que fizemos neste mês, o que mudou, o que ganhamos como experiência de novidade em relação ao sacrifício? Porque, se não muda nada, se não saímos com um acréscimo de experiência, portanto, de vida, nós viramos a página e voltamos a ser como sempre. Assim não vale a pena fazer Escola de Comunidade nem o sacrifício, porque simplesmente lemos e fazemos comentários a respeito. E, do ponto de vista do método, isso é fundamental entender, porque estas questões, como Dom Giussani sempre nos diz, só podem ser entendidas na experiência, e como são coisas que instintivamente não entendemos – porque são repugnantes, não é que uma coisa repugnante, de repente se torna atraente –, a pessoa só se torna livre se, não se detendo, pode gozar da verdade. Essa é a possibilidade que existe para cada um de nós. Para exemplificar o que quer dizer este abandono, leio um e-mail que uma universitária me escreveu assim que voltou dos Exercícios do CLU: “A única coisa que posso dizer é: ‘Quem é você, ó Cristo, que quando acontece como o fato mais desejável desperta um turbilhão no coração que faz com que eu volte a lhe desejar com mais ardor, com mais força e com mais potência?’ [quando falamos Jesus, não estamos falando de uma regra ou de uma instrução de uso, estamos falando disso]. Fui aos Exercícios porque queria conhecê-Lo melhor, Ele que estava me envolvendo como uma onda e está se fazendo conhecer cada vez mais por mim. Voltei e estou mais inquieta do que antes; Ele não basta nunca porque quando acontece desperta realmente com potência incomparavelmente maior o desejo da Sua presença. Isso nunca aconteceu com nada. Repito, nunca nada na minha vida conseguiu me abraçar e ao mesmo tempo fazer-me desejar mais como Cristo, como você dizia:

Zaqueu, a Samaritana, a pecadora, João e André estavam ali, cada um com a própria necessidade, e quando se deixaram abraçar por Cristo a vida começou a se mover. Nestes dias, nos Exercícios, Seus traços realmente me transformaram e à noite eu ia dormir plena da Sua beleza e esplendor, como João e André, o coração ardia e arde diante da Sua presença. Eu O espero desde o primeiro instante em que abro os olhos, preciso da Sua ternura, da Sua preferência e das Suas maravilhas. E ainda mais impressionante é que em todo este movimento do coração, estou realmente feliz. “Eis que te desenhei na palma de Minhas mãos”: não é uma espera desesperada e uma inquietude que termina em si mesma, mas é a sede de Cristo, porque Ele é o fato mais correspondente que meu coração encontrou agora, neste instante em que escrevo. Não é normal uma correspondência assim. Nem mesmo o homem mais bonito jamais despertou em mim o desejo de maneira tão forte. O que me tocou nos Exercícios, foi quando você disse: ‘Queria preencher a nossa vida com um dom, por isso nos fez com essa desproporção estrutural que Ele queria preencher com algo de infinito como um presente. Por isso, nos deu essa abertura, para que nós pudéssemos facilmente acolhê-Lo’. Meu coração nunca amou tanto como nestes dias, nestes meses porque, se antes sentir o coração gritar por Ele desse modo me parecia algo repugnante, para ser eliminado porque nunca me deixava tranquila, agora percebo que olho este meu grito com ternura porque um relacionamento com Ele presente é o fato mais correspondente que já encontrei, e fico maravilhada em perceber que a Sua força está mudando o meu coração. Por isso, faço as coisas que devo que fazer, amo a realidade que tenho, o estudo, os meus amigos, a minha família, a minha vida inteira porque é a possibilidade, para mim, de dar-me conta de como sou preferida por Ele, porque a Sua presença me enche de silêncio”. Esta é a intensidade da qual pode gozar uma pessoa de vinte e dois anos apenas por ter feito o sacrifício maior: reconhecer uma Presença.

## AVISOS

A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira, dia 12 de janeiro, às 21h30. Continuaremos o trabalho até o final do capítulo sobre a Virgindade, ou seja, até o final do livro.

Como vocês viram, publicamos um Panfleto como ajuda para não ficarmos na superfície, na mentira. Para nos ajudar a ir até o fundo na confusão em que nos encontramos. Todos vemos a situação confusa na qual vivemos, na qual nosso país está vivendo agora e, diante dessa confusão, cada um de nós que está aqui, ou que está me escutando, tem uma ideia de como sair dela. O Movimento desafia cada uma dessas interpretações, dizendo que a origem dessa confusão é o achatamento do desejo que, como diz Dom Giussani, é a origem do desânimo dos jovens e do cinismo dos adultos. Por isso, a questão é como despertar novamente o desejo. O que faz a vida despertar? Cada um pode ver, nas tentativas que faz, o que consegue despertá-lo e como só o sacrifício maior, que é aceitar um Outro, pode ser verdadeiramente uma contribuição para nós e para os outros. Isto vale, antes de mais nada, para nós, como vimos, porque somente se vemos a pertinência do juízo que nos é proposto, podemos usá-lo e difundi-lo. Vemos o que significa para nós, na maneira com a qual o usamos: se é útil para a experiência que cada um faz, podemos decidir oferecê-lo aos outros como uma ajuda para viver esta situação de confusão que diz respeito a todos.

No dia 26 de janeiro de 2011, começaremos *O Senso Religioso*, de Dom Giussani. Farei uma apresentação do livro, como introdução ao trabalho que faremos no próximo ano.

Como já mencionei no Dia de Início de Ano, leremos novamente *O Senso Religioso*, de dentro da fé, isto é, como verificação da fé. Lemos muitas vezes este percurso que nos preparava para reconhecer Cristo. Relê-lo dentro da fé quer dizer que a maneira de vivermos o senso religioso será um teste do percurso que fizemos em *É Possível Viver Assim?* sobre a fé. Porque como Dom Giussani sempre nos disse, e como nós sabemos por experiência, o encontro tem a capacidade de

despertar o eu, isto é, de despertar todo o humano, todo o senso religioso, por isso, despertar o desejo, a razão, a liberdade, toda a capacidade do humano. Então, nós podemos verificar de que maneira a fé, para nós, é algo real, de que maneira a presença de Cristo é algo contemporâneo no modo como vivemos, como usamos a razão, a liberdade, a afeição, tudo, o relacionamento com o real, a realidade como sinal, tudo. Por isso, escolhemos usar uma noite já marcada no calendário dos lugares coligados com a Escola de Comunidade, mas com esta modalidade de apresentação feita por mim.

Que também pode ser uma ocasião para um gesto público para o qual podemos convidar todos. Estou divulgando antecipadamente porque, embora já tenhamos os lugares que normalmente se ligam à nós para a Escola de Comunidade, vocês têm a possibilidade e o tempo para verificar se é oportuno encontrar, para esta ocasião, um lugar mais adequado (obviamente, só se for necessário).

As pessoas que desejam participar dos próximos Exercícios da Fraternidade e ainda não são inscritos na Fraternidade, devem inscrever-se até o próximo dia 20 de janeiro de 2011.

De fato, só participarão destes Exercícios os que estiverem inscritos.

Como tive ocasião de lembrar nos Exercícios do ano passado: a fraternidade é única!

É uma amizade grande que sente como sua a tarefa de chamar a atenção do outro para a Presença de Cristo, a memória de Cristo presente. Como vimos, quando a vida urge, se não estamos juntos por causa disso, nada é suficiente. Portanto, a inscrição na Fraternidade é a adesão a esta amizade que tem como objetivo viver a memória de Cristo.

Não é, em primeiro lugar, um problema do grupinho. Participar deste gesto é uma maneira decisiva de participar da Fraternidade.

Assim como nos últimos tempos ouvi falar de várias iniciativas para arrecadar fundos para isso ou aquilo, chamo a atenção sobre o Fundo Comum da Fraternidade, que é a origem educativa de tudo. Por que damos este aviso agora? Faço uma comparação com aquilo que dissemos sobre o Papa: fomos a Roma porque somos nós que precisamos do Papa. O mesmo vale para o Fundo Comum: somos nós que precisamos do Fundo Comum, para sermos educados à caridade. Assim como a ideia de ir ao encontro do Papa ficou como um ícone da história, gostaria que todos nós entendêssemos que precisamos do Fundo Comum como gesto de caridade.

Isso não está em contraposição com o apoio que, depois, damos a pessoas que conhecemos. Mas (e sublinho isso), se ao dar não somos educados ao Fundo Comum – que é o gesto que nos educa a isso –, cedo ou tarde a raiz da nossa caridade secará porque lhe falta a origem de onde tudo surge, que é o carisma.

Por isso, mesmo quem recolhe dinheiro para pessoas e obras deve ter a preocupação de que seja para uma educação ao Fundo Comum. Por que muitos de vocês são tão generosos? Por causa dessa educação ao Fundo Comum. Por que nasceram tantos gestos de caridade? Por causa da caritativa. Por causa dessa educação. Se esquecemos a origem, acabaremos como todos. Sem isto, tudo acaba. Nos últimos Exercícios da Fraternidade, fiz um aprofundamento sobre o Fundo Comum. Que novidade introduziu, que perguntas suscitou, que início de mudança ou novo pensamento causou em nós? Para quem não se lembra do que foi dito, convido a ler novamente no livrinho dos Exercícios (nas páginas 64 e 65).

Rezemos.

*Veni Sancte Spiritus*

Bom Natal a todos!